

E eu leio primeiro. –J.

Se você encontrar, devolva. Por favor.

SÓ NA HISTÓRIA

Este carimbo marca o que só acontece na história: pacotes de verdade não voltam voando. Com uma bicicleta de verdade, quem manda é a última página. –J.

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 3

Devolver, por favor

Lui Eriksson



(o caderno do Guto)

TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 3

Devolver, por favor

Terceiro livro da série. Os anteriores: “Este pacote morde” e “Não abrir antes do trovão”.

Texto e ilustrações: Lui Eriksson

Versão em português: LinguAula

TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

Primeira edição: 2026

© 2026 Lui Eriksson · info@linguaula.com

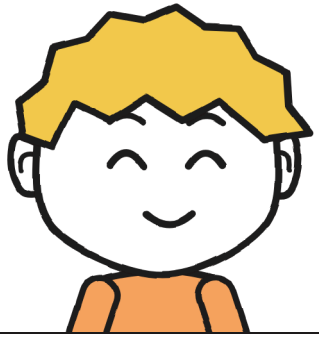
Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.

Tipografias: Andika, Patrick Hand, Caveat e Courier Prime (licença SIL OFL).

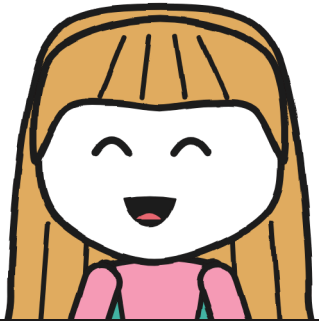
Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

Nenhum entregador saiu ferido durante a escrita deste livro. Corado, sim. —J.

QUEM É QUEM



Guto. Entregador dos sábados. Desenha coisas que ninguém pediu. Este caderno é dele.



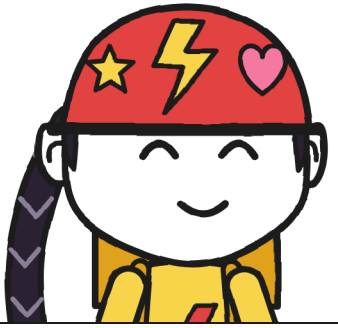
Júlia. Escreve em verde e assina J. Sempre sabe como ajudar. Esse é o problema.



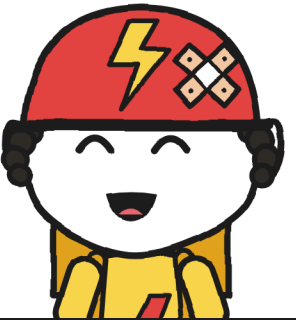
Toninho. Entrega pela RAIO, de bicicleta. Em dez minutos ou de graça. Fica vermelho por partes.



Mara. A dona da Entregas Impossíveis. Usa chapéu de bruxa. Sabe mais do que diz.



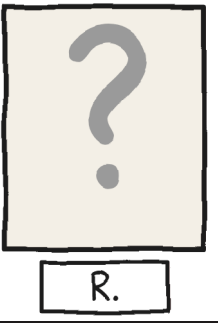
Zoe. Da RAIO. A mais rápida. Dá os apelidos.



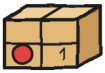
Bruno. Da RAIO. Furou o pneu uma vez. Faz dois anos.



O pacote nº 3. Toca quando mexem nele. Na etiqueta só tem um nome.



R. Manda os pacotes que ninguém consegue entregar. Ninguém diz o nome de R.



CAPÍTULO 1

Tlim

Tlim.

Foi um barulho muito pequeno, desses que só se ouvem quando todo o resto se calou: uma colherinha numa xícara, a campainha de uma bicicleta de brinquedo. Vinha da estante dos devolvidos, e nós quatro, os que ainda estávamos na loja da Mara, ficamos tão quietos que dava para ouvir cair uma faísca do carimbo.

A tempestade tinha ido embora havia um tempo. Júlia continuava em cima do meu banquinho azul, com a canetinha verde no alto e o 18 recém-escrito ao lado do 19 riscado. Mara estava com uma mão a meio caminho da porta de enrolar. Eu, que não sei o que fazer com as mãos nem nos melhores momentos, não fiz nada com elas.

Era o nº 3. E Toninho, que entrega pela RAIO em dez minutos ou de graça, ficou da cor do capacete.

O caderno era novo. O 2 acabou numa tempestade só; este é verde, tem num canto o carimbo da loja e era eu que ia estrear, com cerimônia: título na primeira página e uma palavra nova.

CADERNO DE ENTREGAS 3 · do Guto. SECRETO.

"Secreto" quer dizer que eu leio primeiro. E não conto para ninguém. —J.

Escrevi o título com a língua para fora e fui buscar uma borracha, para o caso de ter ficado torto. Quando voltei, Júlia já tinha estreado o caderno.

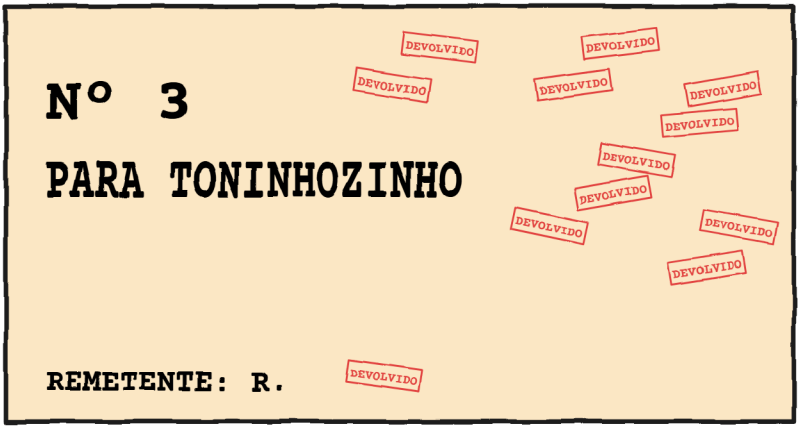
— Estreei para te ajudar — disse. — De nada.

Eu não tinha pedido ajuda. Com a Júlia, tanto faz.

O resto é para o caso de um dia alguém que não seja ela ler isto. A loja se chama Entregas Impossíveis e é da Mara, que é bruxa, usa chapéu roxo e tem um carimbo que, quando carimba, solta faíscas com cheiro de vela apagada. Na estante da esquerda ela guarda os devolvidos: pacotes que ninguém conseguiu entregar. Eles têm uma regra só: se quem recebe um deles não assina a etiqueta com tinta que não apaga, ao amanhecer o pacote volta voando para a prateleira dele, pontual como um gato na hora do jantar. Eram vinte, e quem manda todos é sempre a mesma pessoa, R., de quem eu já tinha seis pistas no caderno azul. Júlia e eu entregamos dois, um ovo de dragão e umas sementes com patas que corriam, e na parede está escrito, com a letra dela e em verde, RESTAM 18.

Júlia é a dos bilhetes verdes. Eu sou o Guto, o novo do bairro: quase tudo que é meu continua em caixas. E Toninho é o entregador da RAIO, o da mochila amarela, que cumpre castigo com a gente aos sábados e que, desde a tempestade, tem lugar próprio na loja: uma caixa de entrega virada para baixo, junto dos banquinhos. Mara pôs ali sem dar explicações. "Por enquanto", disse. Ninguém teve coragem de perguntar quanto tempo dura um por enquanto.

O nº 3 estava na prateleira de cima, ao lado dos dois vazios deixados pelo ovo e pelas sementes, com a etiqueta virada para a frente. Cheguei perto para ler, em pé e sem tocar.



Três linhas datilografadas: Nº 3. PARA TONINHOZINHO. E lá embaixo, REMETENTE: R. Entre o nome e a última linha sobrava um campo inteiro de papel em branco. Em volta, doze carimbos de DEVOLVIDO. Contei.

Júlia desceu do banquinho com um pulo e ficou do meu lado. Leu em voz alta:

— Para To...

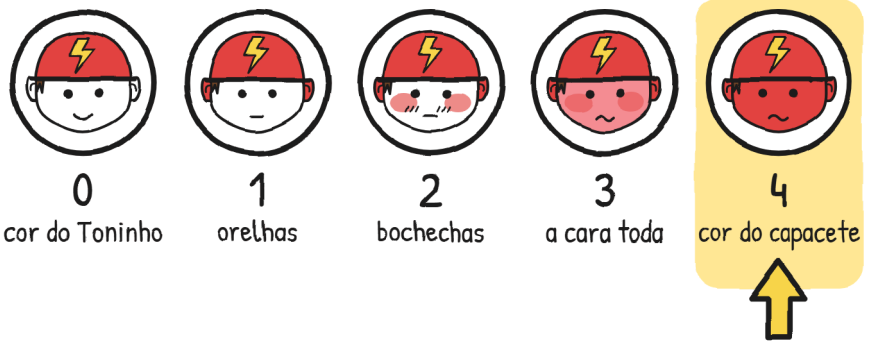
E fechou a boca.

Júlia nunca se cala no meio de uma palavra. Olhei para Toninho e entendi por quê.

Li só metade. A outra metade eu engoli. –J.

Tem gente que fica vermelha de uma vez. Toninho, não: Toninho fica vermelho por partes. Começou pelas orelhas. Continuou pelas bochechas. Depois a cara inteira se encheu, até a tira do capacete, e ainda faltava um último degrau, o pior, que é quando a cara e o capacete deixam de se distinguir. Desde o tremômetro do nº 2, não consigo olhar para nada que muda sem botar uma escala, então anotei.

VERMELHÔMETRO DO TONINHO



Júlia esticou o braço para o pacote, para ler o que faltava.

— Esse pacote pode esperar — disse Toninho, bem depressa. — Está esperando há anos, né? Então mais um dia. Ou dez. A RAIO não tem pressa.

Era a primeira vez que eu ouvia a RAIO dizer isso.

— Hoje à noite não se abre nada — disse Mara. — E ninguém mexe na estante sem permissão.

A mão da Júlia ficou no ar, a um dedo da etiqueta. Ninguém tocou em nada. E então tocou de novo.

Tlim.

— Foi a porta! — disse Júlia, com uma voz que eu não conhecia: alta demais e cedo demais.

A porta estava fechada desde que a Vera foi embora.

Quando eu não entendo uma coisa, faço uma lista. Suspeitos do tlim:

1. A porta. (Proposta da Júlia. Fechada, sem corrente de ar e sem ninguém para empurrar.)
2. A bicicleta do Toninho, na calçada, com a campainha da RAIO. (Faz TRIIIM, não tlim. Mas é uma campainha.)
3. O sapo de borracha. (Júlia declarou o sapo inocente na hora. Diz que conhece bem.)
4. O nº 3.

Botei o nº 3 por último, por educação.

Saí na calçada para conferir. Levei o sapo comigo, porque suspeito não se interroga à distância.

Já não chovia. A rua cheirava a asfalto molhado e cada poça tinha um poste de luz dentro. Abri e fechei a porta: nhiiic. Toquei a campainha da bicicleta do Toninho: TRIIIM! Apertei o sapo: quic.

Do outro lado do vidro, Júlia dizia que não com o dedo. A cada barulho, a mesma coisa, de um lado para o outro, como o limpador de para-brisa de um carro. Nenhum era o tlim.

Voltei a entrar e deixei o sapo no balcão. Toninho, que me viu olhando para ele, se remexeu na caixa dele.

Tlim.

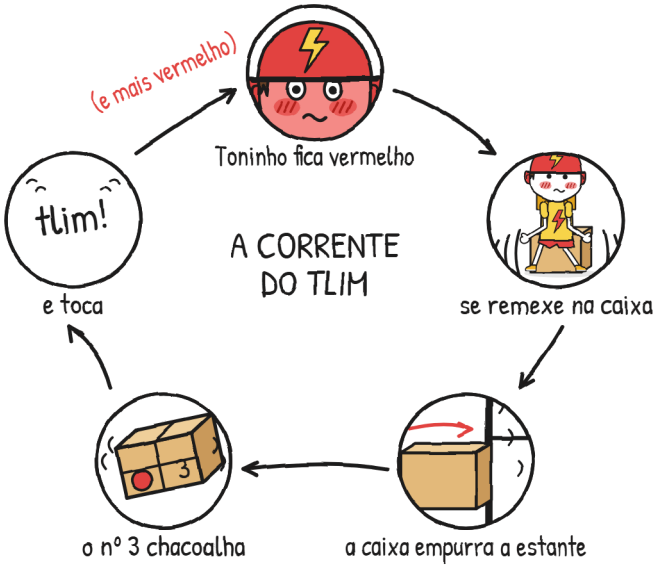
Eu me abaixei. A caixa do Toninho estava encostada no pé da estante.

Desenhei ali mesmo, de joelhos, e saiu um círculo, porque por mais voltas que eu desse não achava onde ele começava.

Não era magia. Era o Toninho. Dentro do nº 3 tem uma coisa que toca quando mexem nele.

Como eu. –J.

Toninho seguiu meu olhar até o pé da estante, olhou a caixa dele e decidiu ficar quieto.



Durou o que dura um elástico esticado.

Quieto. Depois, mais quieto: tão quieto que dava para ouvir ele pensando "quieto", com uma gota de suor descendo pela têmpora. Júlia estava havia um minuto inteiro sem falar, o que para ela é como prender a respiração debaixo d'água, e mais cedo ou mais tarde a gente volta à tona com o que tem mais perto da boca.

— Quem é Toninhozinho?

Toninho deu um pulo. A caixa empurrou o pé da estante, a estante tremeu e o nº 3 disse TLIM! com uma força que nenhum tlim merece. Mara olhou para o teto, como quem conta até três.

— Era só uma pergunta — disse Júlia. — Pergunta não empurra estante.

Essa, sim.



— Era eu — disse Toninho, olhando para os próprios tênis.
— Quando eu era pequeno.

Falou tão baixinho que o sapo, que estava no balcão mais perto dele do que eu, ouviu melhor.

Júlia abriu a boca. Vi as perguntas dela fazendo fila, como na padaria num domingo de manhã, a primeira já com o dinheiro na mão. Depois olhou para Toninho, que continuava de olho nos tênis, e fechou a boca.

— Não pergunto mais — disse.

Foi difícil. Deu para notar no pé: tec, tec, tec contra o chão da loja.

Perguntas que eu não fiz: nove. Tenho todas anotadas. –J.

— E por que você nunca entregou? — perguntei à Mara.

— Doze vezes eu levei — disse Mara. Ninguém precisou contar os carimbos. — Olha a etiqueta: nem rua, nem número da casa, nem sobrenome. Tentei com todos os Toninhozinhos que encontrei.

Foi contando de memória, nos dedos, e eu fui desenhando conforme ouvia. Um canário, que se chamava Toninhozinho de verdade e que pisou na etiqueta: não valeu. Don Antonio, de 71 anos, que botou os óculos, leu o papel duas vezes e disse "Quem me dera", olhando como quem olha uma vitrine. Uma barca do canal com o nome pintado na lateral, que também não assinou, porque não tem mãos.



— E o Toninho? — perguntou Júlia.

— Da última vez que tentei, eu ainda não o conhecia — disse Mara, e olhou para ele. — E ninguém me contou como o chamavam quando pequeno.

Mara tirou um pano roxo de baixo do balcão e cobriu o nº 3 como quem cobre a gaiola de um papagaio para ele dormir. Depois pediu ao Toninho que levantasse um instante e afastou a caixa dele dois palmos da estante.

— Pronto. Agora pode se mexer à vontade.

Toninho podia ter ido embora. A bicicleta estava na porta: em dez minutos ele teria chegado do outro lado do bairro. Voltou a sentar.

Não sei por quê. Anoto assim mesmo.

E, como a caixa dele não tem encosto, desenhei um: alto, meio curvo, com uma almofada pequena, a lápis e com linha pontilhada, e embaixo, em letra miúda: "encosto (ideia minha)".

Ninguém pediu um encosto. –J.



Na hora de fechar, Toninho ficou por último, afivelando o capacete com uma lentidão que na RAIO seria falta grave. Mara apagava as luzes uma de cada vez; o pano roxo continuava sobre o pacote, na prateleira de cima.

— Mara. Amanhã eu venho falar disso. Mas em particular.

— Esses dois são da loja — disse Mara, sem se virar.

Toninho olhou para nós. Para a Júlia primeiro; depois para mim. Eu me endireitei no banquinho.

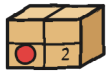
— Esses, tudo bem — disse. — Mas ninguém da RAIO.

Saiu e se afastou entre as poças, com a bicicleta na mão.

O tlim já tinha dono. Faltava saber se o dono o queria.

Eu já sei como ajudar o Toninho. –J.

É isso que me preocupa.



CAPÍTULO 2

Eu não disse que sim

Aos domingos a loja não abre. Naquele domingo, Mara deixou a porta de enrolar pela metade, na altura certa para passar abaixado, e pendurou nela um cartaz escrito à mão:

FECHADO (menos para você).

Toninho chegou às onze. Antes de entrar, olhou para um lado da rua e para o outro, como quando a gente vai atravessar. Não vinha ninguém da RAIO. Ele se abaixou sob a porta de enrolar com a mochila colada ao peito, para não roçar, e a loja o engoliu sem fazer barulho.

A gente chegou às dez e meia. Por via das dúvidas. –J.

Eu tinha lido o cartaz duas vezes. Em lugar nenhum dizia "e a Júlia", nem "e o Guto". Mas Mara abriu para nós sem dizer nada, com a sobrancelha esquerda levantada, e deixou a gente passar.

Sentamos nos banquinhos com cara de quem não está esperando nada. Essa cara sai pior em mim do que em qualquer um.

Mara pôs o nº 3 no balcão e tirou o pano.

— Pacote número três. Para Toninhozinho. É você?

— Era.

— Serve. Você quer?

Toninho olhou para a caixa. A caixa não disse nada.

— Eu não disse que sim.

— Também não disse que não.

— Eu disse que não disse que sim.

Eu já tinha dito que sim muitas vezes, só para me deixarem ficar. Toninho continuava ali sem dizer. Eu me segurei na beirada do banquinho.

— Três frases — sussurrou Júlia. — E nenhuma é um sim. Eu contei.

Mara não insistiu.

Toninho pegou a caixa como se pega uma panelinha pelando: com as duas mãos e com vontade de largar. Pesou. Virou. Chegou perto da orelha e sacudiu um pouquinho.

Tlim.

Largou depressa e ficou olhando as próprias mãos.

— E se ele levar para casa? — disse Júlia. — Se o pacote dorme na casa de quem recebe, já está entregue. É pura lógica.

— O carimbo de volta não funciona por lógica — disse Mara. — Funciona por tinta.

— O carimbo e eu não pensamos igual — murmurou Júlia, que é o mais perto de uma rendição que eu já ouvi dela.

Para ficar claro, fiz uma tabela. O título é CONTA COMO ENTREGA?

- Olhar: não.
- Segurar: não.
- Levar para casa: não.
- Assinar a etiqueta com tinta que não apaga: sim.

— Essa entrega é de vocês — disse Mara para mim e para a Júlia —, como a do trovão. Com três condições.

Contou nos dedos.

1. Vocês não abrem a caixa. E a etiqueta, colada.
2. O nº 3 sai da loja só quando o Toninho pedir.
3. Quem recebe assina, se quiser. Se não assinar, ao amanhecer o pacote volta, e aqui não aconteceu nada.

Júlia levantou a mão, como na aula.

— E se ele nunca quiser?

— Então nunca.

"Nunca" não é um prazo de entrega. —J.

Toninho ficou calado um tempão. Júlia cronometrou: quatro minutos. Para a RAIO, quase meia entrega. Nesses quatro

minutos olhou o pacote, olhou a porta e olhou as próprias mãos. O que não olhou foi para nós, e eu agradeci.

— Eu levo — disse, por fim. — Fechada. Para pensar. Por enquanto.

— É você que está pedindo? — perguntou Mara.

— Sou eu que estou pedindo.

Fiz uma ficha de saída, para ninguém poder dizer outra coisa:

- Caixa: fechada. Sim.
- Etiqueta: colada. Sim.
- Quem pede: Toninho. Sim.
- Assinatura: ainda não.

Lá fora fazia aquele sol de domingo depois de tempestade que deixa tudo recém-lavado. Toninho pôs o nº 3 na cestinha da bicicleta e, ao largar, tocou: tlim.

Ficou olhando o guidão, onde fica a campainha da RAIO, cinza e redonda.

— O que foi? — perguntou Júlia.

— Nada.

E foi embora a pé, com a bicicleta na mão. Toninho quase nunca vai a pé.

Esse "nada" era um "alguma coisa". Precisamos ajudar. —J.

Da porta, vi duas bicicletas da RAIO paradas na esquina, com as mochilas amarelas: uma menina com uma trança até a cintura e, ao lado dela, um garoto bem grande.

— Toninho! O que você leva na cestinha? — gritou a da trança.

— Uma entrega.

— Para quem?

— Para um cliente.

Não mentiu. Mas, antes de responder, virou a caixa na cestinha, devagar, para a etiqueta ficar virada para ele.



Entendi aquilo de “ninguém da RAIO”.

Naquela noite, deixei a persiana do meu quarto levantada. Moro em frente à loja: se o nº 3 voltasse, eu ia ver. Pus duas cadeiras na frente da janela, uma para mim e outra, minúscula,

para o despertador. A janelinha em cima da porta da loja, a que Mara deixa aberta para isso (no primeiro dia eu a tomei por uma caixa de correio), era um retângulo preto e parado.

— Guto? — disse minha mãe, do corredor. — O que você está fazendo acordado?

— Estou vigiando um pacote.

— Ah. Bom. Mas vigia de pijama.

Nos primeiros vinte minutos olhei a janelinha; nos seguintes, o despertador; o resto da noite, o caderno, porque quando espero preciso ter o que fazer com as mãos. Então, no parapeito e à luz do poste, melhorei o assento do Toninho. A versão 1 era o encosto de sábado; a versão 2 tem apoio de braço e um buraco redondo para o copo. Desenhei também o copo, com o guardanapo.

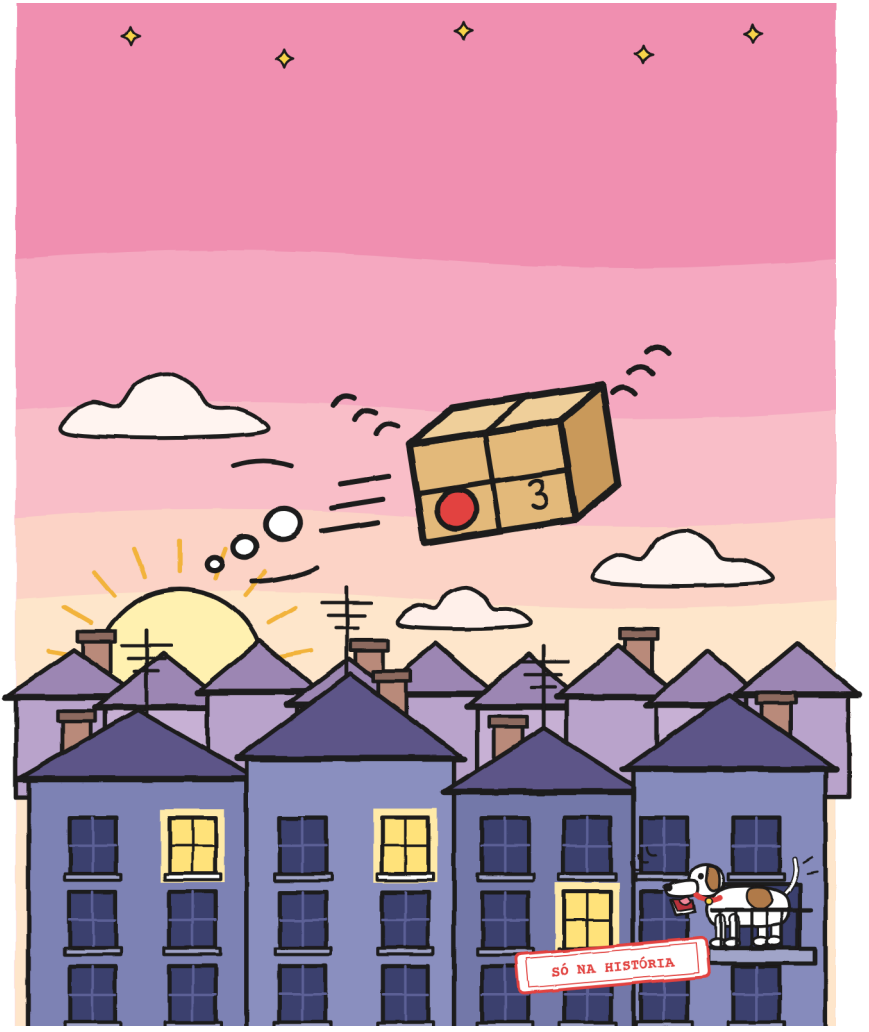
Júlia quis vigiar também, mas a janela dela dá para um pátio, e de um pátio a única coisa que se vigia é a roupa no varal.

Ao amanhecer, deu para ouvir antes de ver.

Tlim, tlim, tlim.

Vinha por cima dos telhados, sem pressa, tocando como o carrinho de sorvete quando ainda não escolheu a esquina. Uma janela se acendeu, depois outra, depois outra: três, como se alguém estivesse fazendo a chamada. Um cachorro latiu, o do 4, que late para tudo o que voa, seja pacote, seja pombo. E então eu vi: um volume quadrado e pequeno com o céu rosa atrás, que

cruzou a minha rua na altura da minha janela, se enfiou pela janelinha em cima da porta e, já lá dentro, eu ouvi pousar na prateleira dele com um último tlim, mais curto, como quando alguém larga as chaves na mesa.



— Era isso? — perguntou minha mãe, do corredor, com a voz de quem não chegou a dormir direito.

— Era isso.

— Então agora, tomar café da manhã.

Fiquei mais um instante na janela. Quando minha mãe chamou de novo, fui tomar café.



Depois da escola, fomos à loja. O nº 3 estava na prateleira dele e tinha mais um carimbo, vermelho e com a tinta ainda fresca, que ninguém tinha carimbado: treze.

Falei que me dava pena ver o pacote de novo na prateleira.

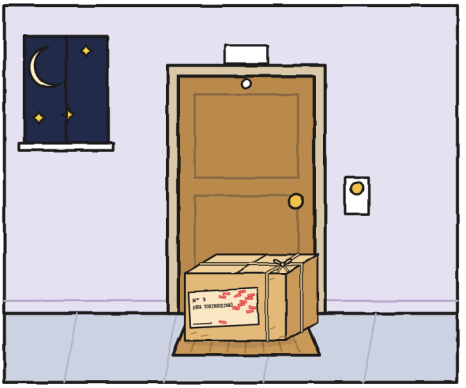
— Não é castigo — disse Mara. — É a regra. Ninguém assinou: volta.

Treze carimbos. Nesse ritmo, a gente não vai mais ver a caixa. —J.

Toninho veio às cinco e vinte, depois da entrega dele. Não perguntou se tinha voltado: tinha ouvido passar por cima da casa dele. Sentou na caixa dele, que continuava a dois palmos da estante, e olhou o pacote sem olhar, daquele jeito de olhar alguém que a gente sabe que está olhando para a gente.

Isso eu não vi. Ele me contou:

O QUE O TONINHO ME CONTOU



— Deixei no capacho. A noite toda.

— E por que você não levou para dentro de casa? — perguntou Júlia.

— Em casa já tem gente demais me chamando assim.

Disse sem se zangar, com a voz lisa com que dá os endereços. Júlia não perguntou quanta gente era "demais". O pé fez tec, uma vez só.



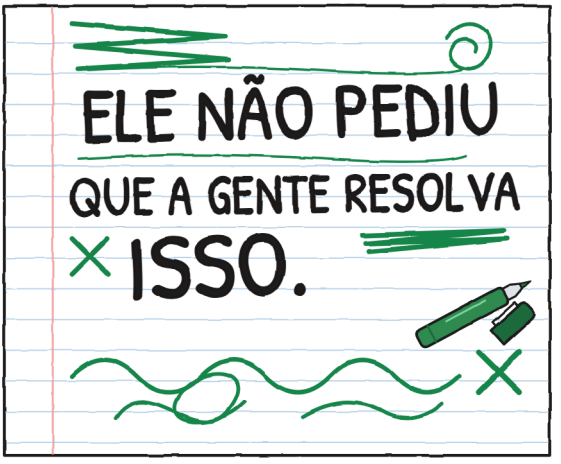
— Com uma assinatura, estava tudo resolvido — disse Júlia quando Toninho foi embora. — Uma. Leva dois segundos. Eu cronometrei com a minha.

Era verdade. Fez três vezes numa folha solta, com o J de sempre: dois segundos, dois segundos e, na vez em que saiu torto, dois segundos e meio.

Abri o caderno e escrevi de caneta, apertando bem, para o verde não conseguir cobrir:

ELE NÃO PEDIU QUE A GENTE RESOLVA ISSO.

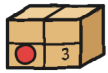
Apertei tanto que a frase apareceu também na folha seguinte, em relevo. Júlia pegou a canetinha verde. Tentou com riscos, com espirais, com um xis, com uma nuvem de ondas. O verde não apaga, mas essa frase ela não conseguiu cobrir: continuava por baixo, inteira, com todas as maiúsculas, afundada no papel.



Eu li. Não concordo. Por enquanto. –J.

Olhei para ela.

Tenho outra ideia. Não me olha assim. –J.



CAPÍTULO 3

Autógrafos

Na terça, na saída da escola, tinha uma mesa na calçada, na frente da loja. Mesa não sai sozinha para a rua, e essa, ainda por cima, vinha vestida: uma toalha de mesa amarela até o chão, um cartaz com a letra da Júlia e, no meio, um volume coberto, quadrado e muito quieto, desses que parecem esperar uma pergunta.

O cartaz dizia, em verde, AUTÓGRAFOS DE ENTREGADORES. Embaixo, HOJE. E embaixo disso, menor: Os mais rápidos do bairro.

Atrás da mesa estava Júlia, em pé, com as mãos nas costas e a cara séria de quem vende ingressos. Atrás da vitrine, Mara falava ao telefone. Ou melhor, escutava: concordava olhando para o teto, que é para onde ela olha quando uma ligação se alonga.

Apontei o volume com o queixo.

— É um atril — disse Júlia, antes que eu perguntasse qualquer coisa. — Para assinar com mais conforto. Estou fazendo uma coleção de autógrafos.

Um atril, até onde eu sei, serve para apoiar a partitura quando se toca violino. Para assinar, não. Mas ela falou com tanta segurança que durante dez segundos duvidei do que sei sobre violinos.

— Desde quando você coleciona autógrafos?

— Desde ontem.

Ontem ela tinha dito que tinha outra ideia. A ideia tinha toalha de mesa.

Em cima do atril tinha uma folha pautada e, lá embaixo, um quadrado. Ou parecia: era uma janelinha recortada com tesoura. Eu me abaixei. A toalha tinha outra igual, bem embaixo.

Levantei uma ponta. O atril era o nº 3, deitado, com a etiqueta virada para cima: PARA TONINHOZINHO, treze carimbos de DEVOLVIDO e, bem embaixo do buraco da toalha, um pedaço de papel em branco, do tamanho exato de uma assinatura.

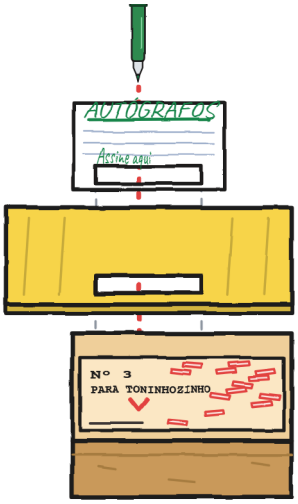
Só entendi direito quando desenhei, que é como eu entendo as coisas.

— Com a minha canetinha — sussurrou Júlia, encantada. — Tinta que não apaga. Amanhã ele não volta mais, e o Toninho nem fica sabendo até a gente mostrar. Surpresa!

COMO FUNCIONA

1. A folha, com a janelinha.

2. A toalha, com o buraco.



3. A etiqueta do nº 3, na parte que está em branco.

4. Quem assina na janelinha... assina a etiqueta.

Tinha a cara de quem vai dar um presente e escolheu muito bem. Até as pontas dos dedos estavam verdes de tanta canetinha.

Lembrei das condições da Mara. A segunda eu sabia de cor.

— O Toninho não pediu que o pacote saia da loja — eu disse. — Condição dois.

— Ele vai agradecer.

— E a Mara?

— Estava no telefone. Falei que é uma mesa de autógrafos. E é.

— E o atril?

— Isso ela não perguntou.

Lembrei a ela o caso da Flora e da oitava semente: Júlia não deixou a Flora assinar antes da hora.

— Não é a mesma coisa. Aquilo era uma entrega pela metade. Isto é um atalho.

— Então faz você — eu disse. — Eu não.

Sentei no degrau da loja, de costas para a mesa e de braços cruzados.

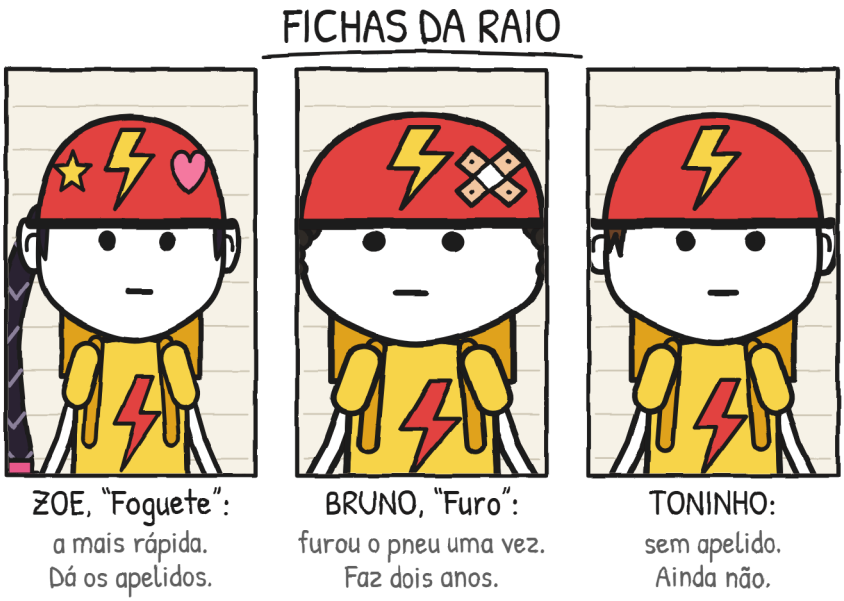
Sentou no degrau. Muito digno. Não ajudou em nada. –J.



A RAIO passa pela nossa rua às cinco e dez. Ouvimos antes de ver, que é o que acontece com campainhas. Eram três, em fila: Zoe na frente, que é onde ela sempre vai; Bruno, enorme, pedalando como quem carrega um armário; e Toninho por último, um pouco separado, como se houvesse três bicicletas na fila e a dele não fosse da mesma.

Depois desenhei os três do jeito que chegaram, um por um.

Zoe, "Foguete", é a da trança até a cintura, a que no domingo perguntou o que o Toninho levava na cestinha. É a mais rápida e a que dá os apelidos. Bruno leva um remendo no pneu e uma bomba de ar no quadro da bicicleta, por via das dúvidas.



Zoe viu o cartaz e freou.

— Autógrafos? Os nossos? — disse, e desceu da bicicleta.

Ninguém nunca tinha pedido um autógrafo a eles. Por isso funciona. –J.

Zoe assinou primeiro, com uma estrela no o. Bruno escreveu "Bruno", devagar, com a língua entre os dentes e cada letra bem redonda. Zoe tomou a caneta dele, riscou com um traço e escreveu do lado "Furo".

— Na RAIO, apelido não sai — me explicou Bruno, sem se zangar. — Eu furei o pneu uma vez.

Furou faz dois anos. É muito furo para um pneu só.

Toninho não tinha descido da bicicleta. Olhava a mesa do mesmo jeito que olhou o nº 3 no domingo: de longe, com as duas mãos no guidão.

— É a sua vez, Toninho — disse Júlia. — Aqui embaixo, no quadrado. É o lugar de honra.

E deu a ele a canetinha verde dela.

Ninguém nunca tinha pedido um autógrafo ao Toninho. Ele desceu da bicicleta e ficou reto.

Eu tinha virado a cabeça. Via tudo do degrau, com a boca cheia de "não é problema meu".

Eu me levantei. Nem decidi: foi meu corpo que fez, como o soluço, sem me consultar.

— Toninho, espe...

Cheguei tarde. Toninho puxou o atril de um tranco para assinar e, embaixo da toalha, alguma coisa falou antes de mim.

TLIM!

Durante um segundo ficou tudo quieto: a folha, a mão do Toninho com a canetinha a um dedo da janelinha, as quatro caras sobre o volume. Eu ainda não tinha chegado à mesa.

Toninho levantou a toalha com dois dedos, por uma ponta.


AUTÓGRAFOS
Zoe
~~Bruno~~Furo
Assine aqui
TLIM!



— “Para To-ni-nho-zi-nho” — leu Zoe, devagar, como quem lê um prêmio.

— Toninhozinho? — disse Bruno, e riu.

Zoe não riu. Zoe estava pensando.

Júlia baixou o olhar para a janelinha.

Toninho não gritou. Pôs a tampa na canetinha, bem devagar, até ouvir o clique, e deixou em cima da folha. Sem assinar.

— A RAIO não assina armadilha.

Depois pegou o guidão e foi embora a pé, com aquele barulho de relógio que a bicicleta faz quando ninguém pedala. Ninguém foi atrás. Eu também não.

Estava da cor do capacete, até a nuca. Mas não era o vermelho da vergonha. Era outro.

O vermelhômetro não tem número para esse. –J.

Mara saiu com o pano roxo. Parou na porta, olhou por cima do ombro o vazio da prateleira, olhou a mesa e olhou para a Júlia. Não perguntou quem tinha sido.

Cobriu o nº 3 e levantou nos braços.

— Este pacote não está entregue — disse a Zoe e ao Bruno. — E o que a etiqueta diz é assunto do Toninho.

Bruno tinha parado de sorrir. Zoe olhou uma vez para trás, para o volume já roxo. Subiram nas bicicletas e foram embora sem tocar a campainha. Até onde eu me lembro, foi a primeira vez.



Ajudei a Júlia a recolher tudo: a toalha, o cartaz, a folha com duas assinaturas e um buraco. A canetinha ela mesma guardou, sem destampar. Não falei "eu avisei". Também não falei "não foi nada", porque era alguma coisa, sim.

Dobramos a toalha entre nós dois, cada um por uma ponta. Aproximamos as pontas devagar. O buraco ficou no meio.

— Você não fez nada — disse ela.

Disse isso para me deixar de fora. Era um presente, e durante uma dobra inteira quase fiquei com ele: eu não tinha recortado

nada, nem tirado nada de prateleira nenhuma. Alisei uma ruga que não existia. Alinhei a minha ponta com a dela. Contei os ladrilhos da calçada desde o degrau até onde tinha estado a mesa.

Não chegavam a doze. Estiveram na minha frente a tarde inteira.

— Avisei tarde — eu disse, olhando a toalha. — Podia ter dito antes. Ou ter chamado a Mara.

Júlia não respondeu. Tirou a toalha de mim, dobrou uma vez a mais do que o necessário e me devolveu.

Depois entrou e contou para a Mara, sozinha, sem pular nada. Eu fiquei na porta, com a toalha nos braços. Dali dava para ouvir tudo: a janelinha, a toalha, a prateleira, o telefone. Mara a escutou até o fim.

— Para o Toninho — disse Mara quando ela acabou — quem conta é você.



Na quarta, Toninho passou às cinco e dez e não freou. Passou rápido, olhando para a frente, com aquela velocidade que é outro jeito de não estar. Às cinco e vinte passou de novo: ouvi chegar, ouvi não frear, ouvi ir embora. Para quem entrega em dez minutos ou de graça, passar três vezes pela mesma rua sem parar nela é um jeito muito estranho de não entrar numa loja. Parecia bastante com bater numa porta.

Eu estava no mesmo degrau.

Na terceira, Júlia estava no meio da calçada com um papel. Tinha deixado o Toninho passar duas vezes.

Segurou o papel com as duas mãos, na altura do rosto, como as placas de aeroporto, e Toninho leu da bicicleta, com um pé no chão, sem tocar. Três frases e uma palavra: "Tirei o seu pacote", "Eu quis te enganar", "Mostrei a sua etiqueta aos outros". E embaixo, sozinha e maior, "Desculpa". Sei exatamente como estava porque depois ela copiou no meu caderno. Não tinha nem um "mas", nem um "sem querer", nem um "para ajudar". Conferi duas vezes, procurando.

Assinava "—Júlia". Júlia assina tudo com um J. Desta vez tinha posto todas as letras.

— Tá bom. Eu li — disse Toninho.

— Você me perdoa?

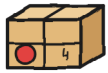
Isso não estava no papel. Júlia apertou os dedos contra a beirada da folha.

— Eu disse que li.

Toninho apoiou o pé no pedal e foi embora. Pedalando, desta vez, sem pressa e sem frear. Júlia ficou olhando a rua e depois guardou o papel no bolso da jardineira, sem dobrar.

Naquela tarde, na loja, a caixa do Toninho ficou vazia.

Assinei com o nome inteiro. Era o mínimo. —J.



CAPÍTULO 4

Uma bicicleta pequena

Na quinta, Toninho entrou na loja sem olhar para os lados da rua.

No domingo, antes de entrar, tinha olhado para um lado e para o outro, como quando a gente vai atravessar e não confia nos carros. Desta vez entrou de frente, de capacete. Já não restava ninguém da RAIO de quem se esconder: os dois que tinham de ficar sabendo tinham ficado sabendo na terça, com toalha de mesa e tudo.

A gente não esperava. Desde terça, Júlia e eu falávamos pouco e com cuidado, como duas pessoas que carregam juntas uma bandeja de copos. Júlia tinha parado de fazer planos em voz alta, e era isso que mais se notava: como quando a geladeira desliga e só então você percebe que ela estava fazendo barulho.

Trazia uma bicicleta debaixo do braço.

A bicicleta de verdade dele tinha ficado do lado de fora, encostada na parede. Esta era vermelha, e tão pequena que ele a

levava como se leva uma baguete, e tinha uma penugem de poeira de quarto de despejo no guidão.

Não era a dele. Ou era: a dele de antes.

Passou ao lado da caixa dele sem sentar. Continuava onde Mara a tinha deixado no sábado: virada para baixo, junto dos banquinhos, vazia. Júlia começou a se levantar do banquinho e voltou a sentar. Fez isso duas vezes.

— Desde domingo tenho um tlim na cabeça — disse Toninho, falando com a Mara e com mais ninguém. — Acho que sei do que é. Quero ver se me lembro direito. Quero abrir. Mas aqui não. Onde não tenha vitrine.

Mara não perguntou por quê. Desceu o nº 3 da prateleira e nos levou à sala dos fundos.

A sala dos fundos tem uma lâmpada sem cúpula, prateleiras com barbante e papel de embalagem, sacos de entrega empilhados contra a parede e uma mesa pequena, onde Mara deixou a caixa.

— Abrir para olhar não é assinar — disse, olhando para o Toninho do jeito que se dá um guarda-chuva: não porque está chovendo, mas por garantia. — Sem assinatura, volta ao amanhecer.

Toninho assentiu.

Júlia tinha ficado na porta, com um pé de cada lado do batente.

— Posso ficar? — perguntou. Ela perguntou.

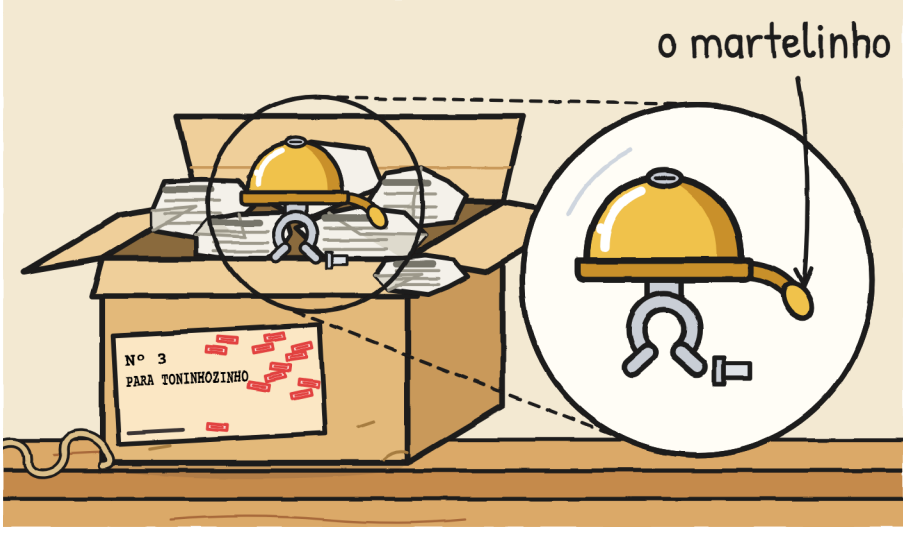
Toninho demorou. Não sei quanto: cronometrar é coisa da Júlia, e Júlia estava ocupada.

— Se você não mexer em nada.

— Nem na caixa nem no assunto.

Sentou num saco, no canto.

Toninho tirou o capacete e pendurou num prego. Sem capacete, dava para ver o cabelo castanho amassado e umas orelhas que já não estavam tão vermelhas quanto na terça. Depois desatou o barbante, desses de embrulho, que tinha ficado da cor do papel. Dentro tinha papel de jornal, tão velho que se rasgava sozinho. Toninho foi abrindo com a ponta dos dedos. E no meio do papel...



Um sininho de bicicleta. Pequeno, dourado, com um martelinho preso a uma mola: basta uma sacudida para tocar.

O nº 1 mordia. O nº 2 corria. O nº 3 só toca.

Nem dragão nem patas. Um sininho. Gostei. –J.

Embaixo do papel tinha um bilhete dobrado em quatro. Toninho desdobrou em cima da mesa. A letra era apertada, torta, escrita como num ônibus em movimento. Tinha uma mancha num canto:

"Toninhozinho: eu disse que ia voltar a tocar. Agora toca. Desculpa a demora. —R."

E, mais embaixo:

"P.S.: Talvez você tenha crescido. O sininho, não."

Toninho leu duas vezes.

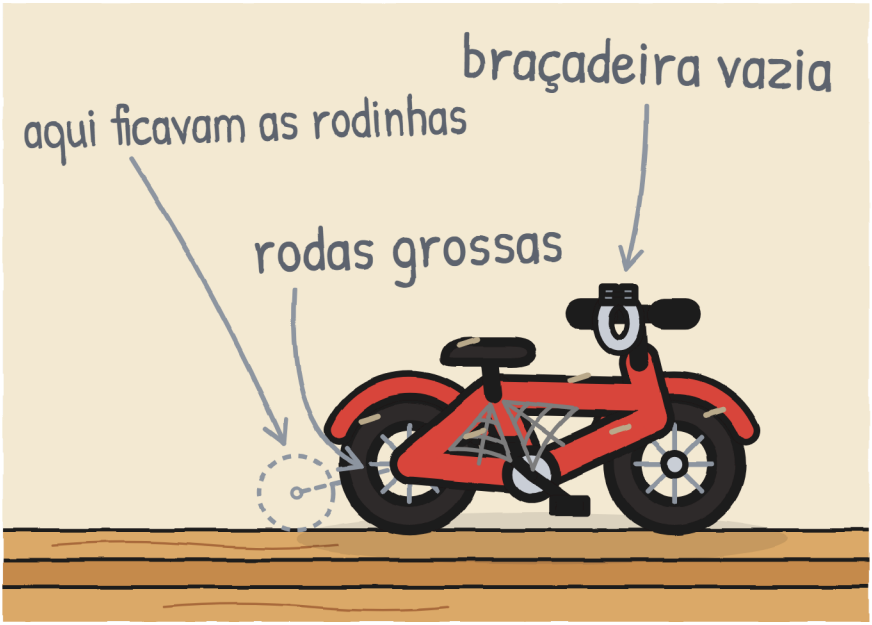
— Que letra feia — disse.

E mais nada, por um bom tempo.

R. cumpre tarde. Foi a Flora que disse. Não disse QUANTO. –J.

Então Toninho afastou a caixa e pôs a bicicleta pequena em cima da mesa.

Desenhei a bicicleta, com setas.



Rodas grossas; marcas na de trás, onde ficavam as rodinhas; e no guidão, a braçadeira vazia, com o parafuso.

— Era minha — disse Toninho. — Tinha este sininho. Um dia ele parou de tocar: fazia clac. Alguém me disse: "Dá aqui, Toninhozinho, que eu conserto e devolvo".

— Quem? — escapou da Júlia, e ela tapou a boca com as duas mãos.

— Da cara eu não lembro. Lembro do sininho. E de que esperei muito.

Júlia continuava com as duas mãos na boca.

— Em casa continuam me chamando de Toninhozinho — disse Toninho. — Na RAIO, não. Na RAIO eu sou Toninho: fui eu que escrevi na ficha, no primeiro dia.

Imaginei ele com a caneta da RAIO, escrevendo TONINHO no campo do nome, sem ninguém dizer nada: o único nome do bairro que não tinha sido dado por outra pessoa.

— E o que tem de ruim em Toninhozinho? — perguntei. Perguntei de verdade, sem intenção nenhuma. Com as perguntas acontece como com o soluço: saem.

— Nada. Até a Zoe falar. Na RAIO, apelido não sai. Olha o Bruno.

— O Bruno me chamou de Toninhozinho seis vezes desde terça — acrescentou. — Eu contei.

Júlia ficou pequenininha no canto dela.

Ninguém sabia como continuar. Então Júlia perguntou:

— Você ainda cabe?

Não conseguiu evitar.

Mara pôs a bicicleta da mesa no chão, com o cuidado de quem ajuda alguém a descer de um banquinho alto. Toninho olhou a bicicleta. Olhou para a Mara. Sentou.

Cabia. Mais ou menos. Os joelhos chegavam às orelhas e os cotovelos saíam para os lados.

Mara fez um barulho que, em outra pessoa, teria sido uma risada. E Toninho também riu. Eu não o tinha visto rir desde sábado. Na terça tinha rido o Bruno; desta vez riu ele. Não soa igual.

Vermelhômetro: 0. Anoto porque isso também conta. —J.

Eu tinha pensado numa coisa, e precisei decidir se dizer era ajudar ou empurrar. Com o Toninho sentado assim, encolhido numa bicicleta que já não era do tamanho dele, a diferença me pareceu do tamanho de um fio de cabelo. Falei como um dado, não como um conselho.

— Na sua bicicleta de agora já tem uma campainha — eu disse. — A da RAIO. Você não precisa pôr este nela. Pode guardar. Ou deixar que volte.

— Eu sei — disse Toninho.

Mas olhou para mim como se ninguém nunca tivesse dito isso.

No canto dela, Júlia levantou a cabeça ao me ouvir. Não disse nada. Deu para notar que ela estava guardando aquilo.

Ficou onze minutos calada, ouvindo, com a canetinha guardada e as mãos enfiadas nos bolsos da jardineira. Dos onze minutos eu soube porque ela mesma anotou depois no meu caderno.

Onze minutos. Minha língua dormiu. —J.

— Quero experimentar sozinho — disse Toninho.

Saímos nós três. Toninho fechou a porta da sala dos fundos.

Júlia foi para o outro extremo da loja, para não ouvir. Eu, para não ouvir, desenhei: o assento do Toninho agora tem dossel. Ouvi do mesmo jeito. Mara arrumou uns barbantes que já estavam arrumados.

Tlim.

Era o mesmo tlim de sábado. Depois, outro. E depois nenhum, por muito tempo. Nenhum de nós três olhava para a porta.

Quando saiu, trazia o sininho numa mão e a caixa debaixo do braço. A bicicleta pequena ficou na sala dos fundos, encostada nos sacos, com a braçadeira vazia.

— Levo até amanhã. Sem assinar.

— Então, ao amanhecer, volta — disse Mara.

— Que volte. Quero saber como é ficar com isso uma noite.

— E se ele deixar o sininho fora da caixa? — perguntei eu.

— Nunca testei — disse Mara. — E não pretendo testar às sete da manhã.

Toninho guardou tudo lá dentro: o sininho e o bilhete.



Na sexta, ao amanhecer, minha rua voltou a tocar: tlim, tlim, tlim, por cima dos telhados, sem pressa. As mesmas três janelas se acenderam. O mesmo cachorro latiu. Volta nº 14.

O que veio antes eu não vi. O Toninho me contou naquela tarde, da caixa dele, olhando para o chão:

— Desta vez ele não dormiu no capacho. Dormiu no meu criado-mudo. Ao amanhecer, começou a se chocar contra o vidro, e eu abri a janela.

— E como é? — perguntei. — Ficar com isso uma noite.

Toninho demorou.

— Longa — disse.



Abriu a janela para um pacote. Que educado. –J.

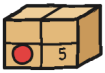
Naquela tarde desenhei as duas bicicletas do Toninho, uma ao lado da outra. Na de agora pus o sininho, que fica muito bem. Embaixo escrevi “antes” e “agora”.

Júlia colou um bilhetinho em cima, bem no guidão, tapando o meu sininho recém-desenhado:

Ainda não colocou. –J.

Tentei descolar com a unha, por uma pontinha.

Ela tinha razão. Isso me chateia um pouco.



CAPÍTULO 5

Em particular

Na sexta à tarde, o nº 3 estava na prateleira, com catorze carimbos.

Toninho, na caixa dele, olhava de longe.

Júlia estava havia dois dias preparando alguma coisa. Eu sabia porque fazia dois dias que ela não me contava o quê.

Imaginei o pior. Da última vez que Júlia preparou alguma coisa em segredo, o segredo tinha toalha de mesa.

Desta vez, a primeira coisa que conferi foi que não tinha toalha. Nem mesa, nem atril, nem janelinha recortada com tesoura: uma folha de caderno, pautada. Júlia deixou a folha no colo do Toninho sem dizer palavra e recuou até a parede com as mãos nas costas, dois passos a mais do que o necessário. Eu contei.

Era uma folha com duas opções.



Toninho leu duas vezes; na segunda, só a B. Eu, que tinha me debruçado por cima do ombro dele com a discrição de um periscópio, li três, procurando a armadilha.

Toninho levantou os olhos e olhou para a Mara.

— Se eu assinar, quem fica sabendo?

Disse com as orelhas no um.

— Eu. E o meu livro de registro, que não sai desta gaveta.

Mara abriu a gaveta do balcão só o suficiente para ver: um livro grosso, fechado com um elástico. Fechou a gaveta com o quadril.

— E a RAIO?

— Eu não vou contar para a RAIO. Um registro não é um cartaz.

Júlia abriu a boca e fechou de novo. Atrás da Mara, na parede, o cartaz verde continuava dizendo RESTAM 18.

O cartaz tem números. Os nomes ficam na gaveta. –J.

Toninho se levantou da caixa. A caixa fez um barulho oco, de caixa que fica sem ninguém.

— A B.

Júlia não pulou. Eu vi: ela não pulou.

Apertou os punhos até os nós dos dedos ficarem brancos.

— Na sala dos fundos — continuou Toninho. — E quero vocês lá. Os dois.

— Eu também? — perguntou Júlia.

— É você que mais quer que eu assine. Prefiro ter você na minha frente.

Coube a mim descer o nº 3 da prateleira. Subi no banquinho azul e desci com as duas mãos, sem respirar, como quem carrega um prato de sopa até a borda. Mesmo assim tocou: um tlim pequeno, desses de cortesia, que queria dizer "com licença".



Voltamos à sala dos fundos. Toninho tirou o capacete e deixou em cima de um saco, com a tira pendurada.

Botei o nº 3 na mesa. Toninho levantou a tampa e tirou de novo o sininho e o bilhete. Deixou os dois embaixo da lâmpada: o sininho, dourado, de lado, com o martelinho quieto na mola; o bilhete, desdobrado e alisado com a lateral da mão, com a letra feia de R., que àquela luz parecia um desenho.

Olhou os dois devagar, como quem confere o troco.

— Antes de assinar, eu olho o que assino — disse, sem olhar para ninguém.

Júlia ficou da cor da camiseta dela.

Júlia deu a canetinha verde a ele, com a tampa colocada. Deu pelo lado de trás, com a ponta virada para ela, que é como se passa uma tesoura. Depois foi para o canto e sentou num saco, bem reta, com o queixo erguido e os cotovelos esquisitos.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Estou sentada em cima das minhas mãos. Para não ajudar.

Era literal. Tinha enfiado as mãos embaixo das coxas, uma de cada lado, e apertava o saco com elas. Mexia os lábios; acho que contava elefantes.

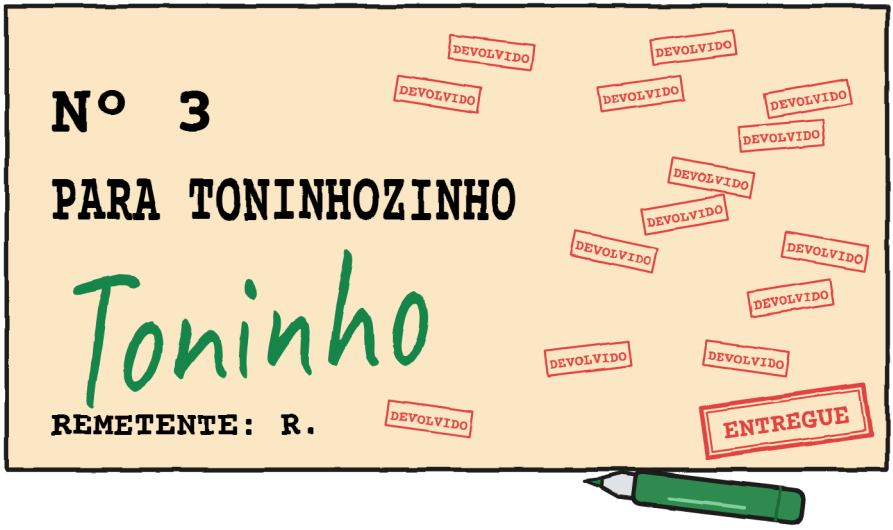
Eu tinha ensaiado na cama como avisar a tempo, caso fosse preciso. Naquela tarde não precisei dizer nada.

Fechei o caderno e botei debaixo do braço.

Depois ele anotou tudo. —J.

Toninho tirou a tampa da canetinha e assinou.

Não hesitou, mas demorou. O T, grande. O o. O n, o i, o n. O h, que fez devagar. O o. Sete letras claras e retas.



Num canto apareceu um carimbo que ninguém tinha carimbado: ENTREGUE.

Na etiqueta estava “Toninhozinho”. Na assinatura, “Toninho”.

— Pode ser assim? — perguntou à Mara. — Não é o mesmo nome.

Mara leu a etiqueta de cima a baixo, sem tocar.

— Assina quem recebe — disse. — E quem recebeu foi você.

Voltamos à loja. Toninho levava o sininho numa mão e tinha botado o capacete de novo. Eu continuava com o caderno fechado. Mara apagou a lâmpada e veio por último.

Abriu a gaveta, tirou o livro do elástico e anotou a entrega: uma data, um número e sete letras.

Júlia já estava com o banquinho azul na mão — o de sempre, o que ela usa para alcançar o cartaz — e já ia a caminho da parede. Parou de repente. Largou de novo no chão, com as pernas para baixo, sem fazer barulho.

— Posso mudar o cartaz? — perguntou.

Perguntou ao Toninho, não à Mara.

Toninho olhou o cartaz. Demorou, como se demora para conferir um endereço.

— Só tem um número.

— Só.

— Tá bom.

Júlia subiu no banquinho, riscou o 18 de um só traço e escreveu ao lado um 17 enorme, com o verde que não apaga.

Perguntei primeiro. Só para constar. –J.

Toninho saiu para a calçada, apoiou a bicicleta na parede e tirou uma chave de fenda da mochila.

— Vai pôr? — perguntei.

— Vou.

— E a campainha da RAIO?

— Essa é da RAIO. Este é meu — e acrescentou, sem levantar o olhar: — Você segura a bicicleta para mim?

Ele mesmo colocou. Eu só segurei a bicicleta, e porque ele pediu. A braçadeira fechou em volta do guidão, ao lado da campainha cinza da RAIO. Toninho apertou o parafuso até onde achou que bastava. Mara olhava da porta, de braços cruzados, que nela é um jeito de aplaudir.

Depois bateu no martelinho com um dedo.

Tlim.

Às cinco e dez, a RAIO passou. Vinham em fila pela rua: Zoe na frente, com a trança ao vento; Bruno atrás, com a bomba de ar no quadro; e no fim um vazio do tamanho do Toninho. Bruno freou.

— O que está tocando?

— Um sininho.

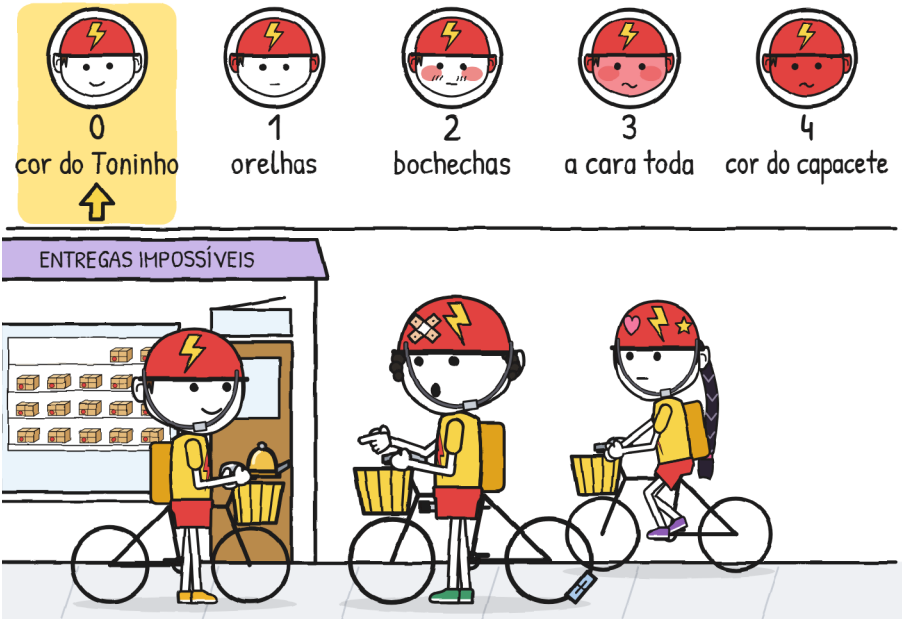
— De onde saiu?

— Era meu.

— De quando você era Toninhozinho?

Olhei o rosto do Toninho. Nada. Nem as orelhas.

— De quando me chamavam assim. Agora me chamo Toninho. E você, como se chama?



— Fu... — Bruno se interrompeu. — Bruno.

— Isso mesmo, Bruno.

Bruno levantou a cabeça como quem ouve o próprio nome no alto-falante. Na RAIO fazia dois anos que ninguém o chamava de Bruno.

Zoe abriu a boca.

Na terça, ela tinha riscado "Bruno" e escrito "Furo".

Toninho bateu no martelinho. Uma vez, sem olhar para ninguém.

Tlim.

Zoe fechou a boca. Pensou. Demorou o que dura um sinal amarelo.

— Soa bem — disse. — Estamos atrasados, Toninho.

Disse "Toninho". Sem acrescentar nada. –J.

Foram embora em fila, Zoe, Bruno e, por último, Toninho, com o polegar sempre perto do martelinho.



Naquela noite, deixei a persiana levantada de novo.

Deixei também as duas cadeiras de vigília na frente da janela, a minha e a minúscula do despertador, por tradição, e me enfiei na cama com o despertador debaixo do braço. Naquela noite eu vigiava deitado.

— De novo vigiando? — perguntou minha mãe, do corredor.

— Hoje eu vigio para não acontecer nada.

— Isso eu sei fazer muito bem. Dorme.

Aguentei até quase meia-noite.

Dormi com a canetinha destampada. Meu travesseiro ficou verde. –J.

Acordei antes de o despertador tocar, com o corpo inteiro preparado para um tlim.

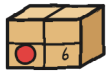
Amanheceu.

Nada tocou.

Nem um tlim, nem uma janela acesa, nem o cachorro do 4.

É o silêncio mais bonito que já ouvi na minha rua.





CAPÍTULO 6

Por enquanto

No sábado, às dez, desenhei a estante: dezessete pacotes e três espaços vazios.

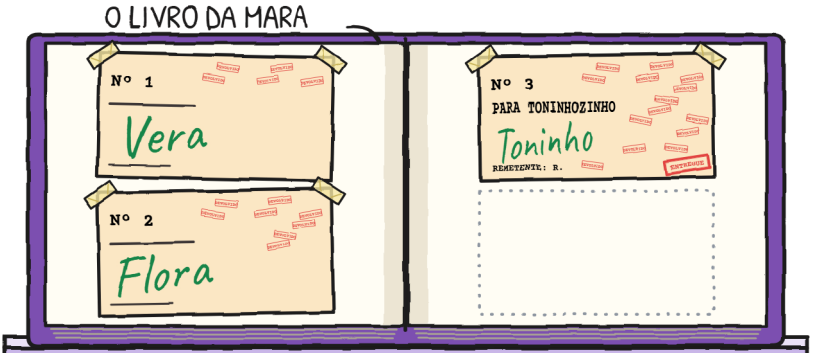
Tinha atravessado a rua vestido, o que já é um progresso: no primeiro sábado fui de pijama e de chinelo. Antes de entrar, olhei a janelinha em cima da porta, a que Mara deixa aberta para os que voltam. Continuava aberta. Ninguém tinha entrado.

Os espaços vazios me levaram mais tempo do que os pacotes. Em cada um sobrava um retângulo limpo, com poeira em volta. Desenhei sem apertar o lápis.

Mara, enquanto isso, tirou o livro dela da gaveta e abriu em cima do balcão, de costas para a porta. Descolou a etiqueta do nº 3 e colou no livro, junto com as outras duas.

Toninho, que cumpre os sábados do jeito que entrega — pontual e sem tirar nada —, olhava do outro lado do balcão, de capacete. O nome dele, o da assinatura, passava da caixa para o

livro. Olhou o livro. Olhou a porta, fechada. Voltou a olhar o livro mais um pouco.



Trinta e sete carimbos, vinte e três e catorze. Três assinaturas em verde.

Um ovo, umas sementes e um sininho. Os três chegaram tarde. Os três chegaram.

O terceiro quem assinou foi o Toninho. Desta vez eu só passei a canetinha. –J.

Toninho sentou na caixa dele e se remexeu. Desta vez, não olhou para a estante.

— Continua sendo "por enquanto" — disse Mara, sem levantar os olhos do livro.

— Por enquanto me serve — disse Toninho.

"Por enquanto" pode durar anos. Pergunta ao nº 3. –J.

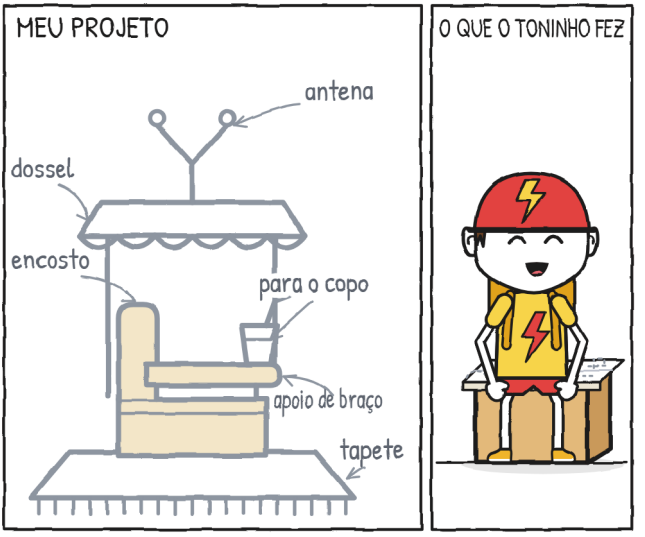
Mostrei ao Toninho o meu projeto para o assento dele. Tinha levado a semana toda.

Era a versão definitiva, com medidas e legenda: a caixa de entrega transformada em trono. Juntava o encosto da noite da tempestade; os apoios de braço e o lugar para o copo da versão 2; o dossel da 3, com franjas, e um tapete novo, também com franjas. A antena saiu sozinha, à meia-noite; não sei o que ela pretendia receber, e por isso deixei.

Estendi com as duas mãos, como um diploma. Toninho olhou tudo, com a mesma seriedade com que tinha lido o bilhete de R. Não riu nenhuma vez. Eu valorizei. Júlia olhou por cima do meu ombro com a cara de quem reconhece um parente numa fotografia.

— Você me dá? — disse.

Dobrou em quatro, botou em cima da caixa e sentou.



Lá fora, o sininho tinha entortado no guidão. Vimos quando saímos para tomar ar: tinha caído meia volta para um lado, como uma cabeça que adormece no ônibus.

— Eu seguro enquanto você aperta — eu disse.

— Eu consigo.

Ele conseguiu. Eu olhava aquele parafuso. Parecia ter cem voltas.

Toninho pôs a pontinha da língua para fora. Júlia, ao meu lado, estava com as mãos enfiadas nos bolsos da jardineira até os pulsos; dava para ver os punhos fechados lá dentro. Eu não tenho jardineira: segurei uma mão com a outra, nas costas.

Quando Toninho deu a última volta, o sininho ficou olhando para a frente, reto como um soldado.

— Pronto — disse.

Soltei a minha própria mão, que é mais difícil do que parece.

Ao entrar, Júlia tirou de baixo do balcão a folha dos autógrafos. Tinha duas assinaturas, um buraco e, desde aquela manhã, um remendo: a janelinha estava tapada com um pedaço de papel e tanta fita adesiva que o remendo era a parte mais forte da folha.

— É a da armadilha — disse à Mara, antes que ela perguntasse. — Eu consertei.

Depois botou a folha na frente do Toninho.

— Você me dá um autógrafo? De verdade. Sem nada embaixo.

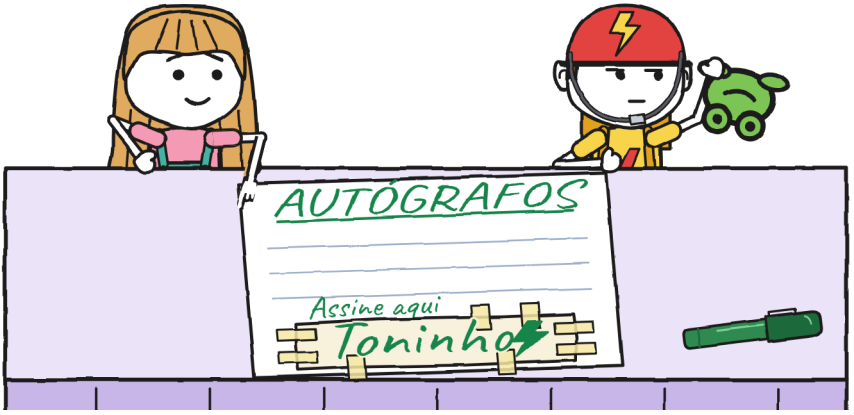
Disse devagar, uma única vez, e esperou.

Toninho olhou embaixo da folha. Olhou embaixo do balcão. Virou o sapo de cabeça para baixo.

Um músculo do rosto da Júlia se mexeu quando Toninho levantou o sapo. Foi a única objeção. Ela mesma a retirou.

— Tá bom.

Assinou em cima do remendo: “Toninho”, com um raio pendurado na última letra.



Eu mereço. –J.

Ao meio-dia, Toninho saiu para uma entrega. Eu o vi ir embora da porta, com o sininho firme no lugar. Um senhor de boina

atravessava a rua devagar, com a bengala, pela faixa de pedestres da esquina.

Toninho freou. Esperou com um pé no chão. Depois tocou o sininho uma única vez, para o senhor saber que ele estava ali.

Tlim.

O senhor levantou a bengala para cumprimentar e seguiu no passo dele.

Mara tinha aparecido na porta, ao meu lado, de braços cruzados.

— É Don Antonio — disse. — O Toninhozinho número dois da minha lista.

Era o do "quem me dera". Chegou até a nossa calçada e parou junto da bicicleta do Toninho, que não tinha ido embora: continuava ali, com um pé no chão e a mão perto do martelinho, sem pressa.

— Esse sininho é novo? — perguntou o senhor.

— É velho — disse Toninho. — Era meu. De quando me chamavam de Toninhozinho.

— Faz sessenta anos que ninguém me chama assim. Se quiser, eu troco com você: você, Don Antonio; eu, Toninhozinho.

Toninho pensou. Olhou a boina e depois o próprio guidão.

— Por enquanto, não.

Don Antonio assentiu e tocou a boina com um dedo, como quem fecha um negócio e o deixa aberto.

— Estou aqui — disse. — Atravesso devagar.



Toninho voltou da entrega em doze minutos. Júlia tinha cronometrado. Ficou olhando o relógio, mas não disse nada. Toninho sentou na caixa dele.

Peguei a ficha de R. Era uma página com um retrato que é um grande ponto de interrogação e, embaixo, R., e tinha seis pistas. Acrescentei duas:

- Pista 7. Conhecia o Toninho quando ele usava a bicicleta pequena.
- Pista 8. Prometeu um sininho que tocasse. Demorou anos.

Toninho pediu minha caneta e escreveu embaixo, com a letra dele. Fora da lista, em maiúsculas de entregador, apertadas, dessas que aparecem na folha de baixo:

PENDENTE: me deve uma explicação.

— E você não vai agradecer? — perguntou Júlia. Perguntou devagar, como quem carrega uma xícara cheia.

— O agradecimento e a reclamação. Os dois. Quando eu souber a quem.

À uma da tarde, Vera entrou, com a Migalha no colo e um raminho no cabelo.

— Vim pedir ajuda — disse. — A Migalha já sabe decolar. Agora precisa de um lugar seguro para aterrissar. — Fez uma pausa. — Ontem ela escolheu a minha sopa.

Eu me endireitei no banquinho desde a primeira palavra. A Migalha tinha um macarrão pendurado num chifre. Olhou para mim e fez a minha cara de "não fui eu".

Igualzinha à sua. Com macarrão. –J.

— Você precisa de alguém rápido? — perguntou Toninho, da caixa.

A Migalha se inclinou dos braços da Vera e farejou o capacete dele.

— Preciso de alguém que saiba esperar — disse Vera.

— Eu também sei. Desde esta semana.

Atrás dele, Júlia levantou as duas mãos, como quem se rende num assalto muito educado.

Eu também sei esperar. Já deu? –J.

Quando eu não entendo uma coisa, faço uma lista. Desta vez eu entendia, e a lista saiu igual: a última página deste caderno, a tabela da entrega.

ENTREGA Nº 3. Quanto cada um demorou:

- RAIO: dez minutos.
- R.: anos.

- Toninho: seis dias.
- Júlia, ouvindo: onze minutos (recorde).

Toninho se levantou da caixa, ajustou o capacete e conferiu com um dedo que o sininho continuava reto. Continuava.

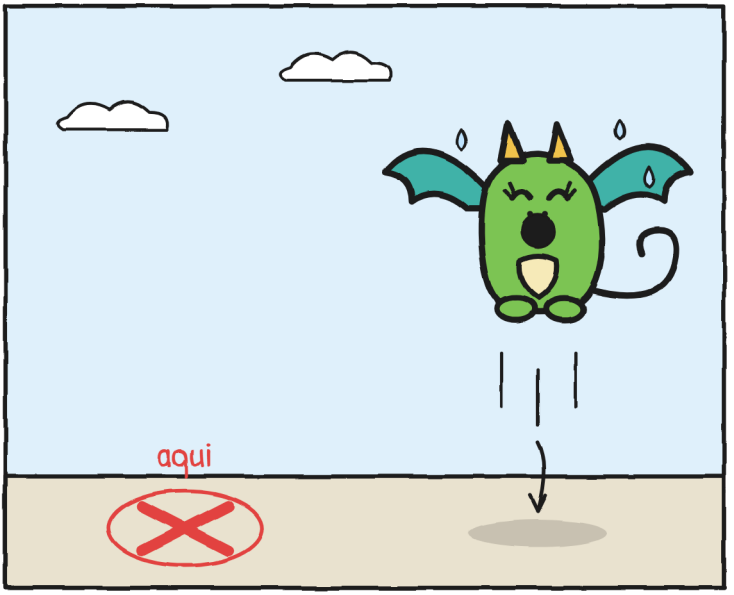
Foi para a entrega dele. Da rua veio um tlim. E outro.

Desta vez, quem tocava o sininho era ele.

Eu ainda toco sozinha. Estou trabalhando nisso. –J.

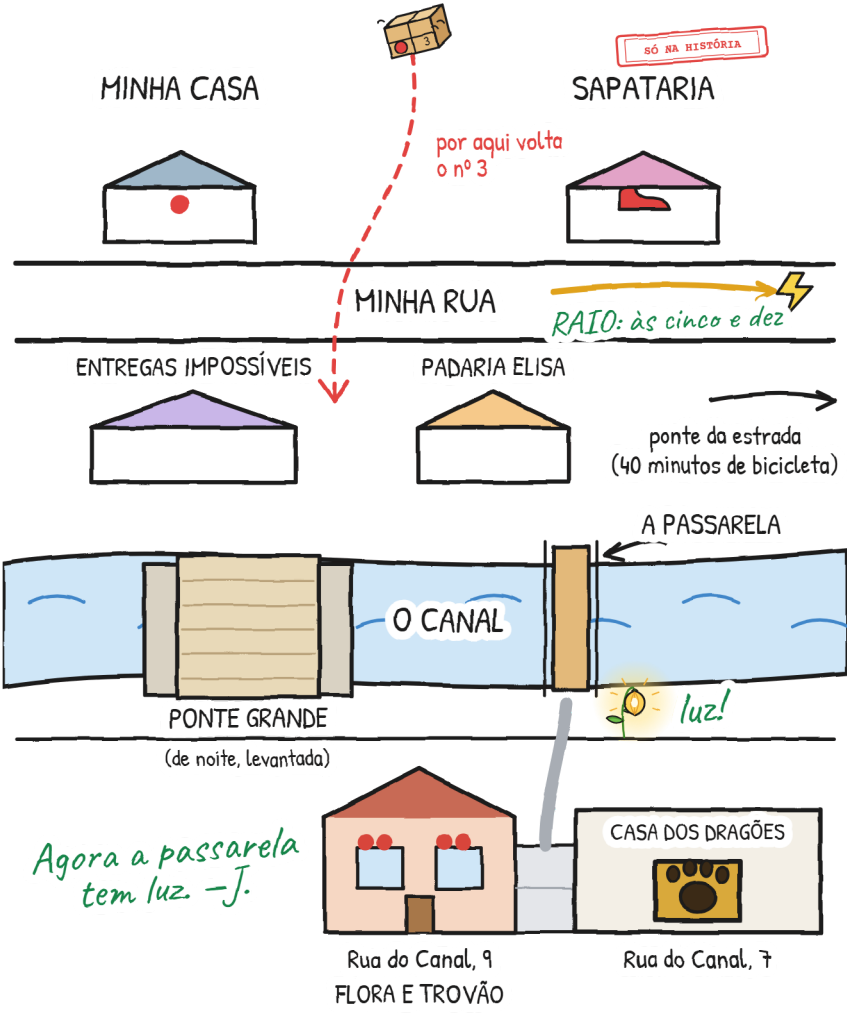
ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 4

(em breve)



Onde aterrissa um filhote de dragão que imita você? –J.

O BAIRRO (versão 3)



E VOCÊ, COMO SE CHAMA?

Chamavam o Toninho de Toninhozinho. Agora ele mesmo escolhe como se chama. E você?

Gosto que me chamem de...

Também podem me chamar de...

Prefiro que não me chamem de...

Eu sou a Júlia. "J." só quando assino. –J.

UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

Este livro existe em seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e em mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L contam a história página por página, com os mesmos desenhos e cada vez mais nuances. O XL é o romance: a mesma história, com espaço para tudo o que o Guto pensa e não diz.

Níveis do QECR indicativos: XXS, pre-A1 · XS, A1 · S, A2 · M, B1 · L, B2 · XL, B2–C1.

Cada um no seu tamanho. Mesmo tlim. –J.

PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com (com as atividades do tamanho L)

BICICLETA DE VERDADE: O QUE FAZER

1. Capacete sempre, e bem afivelado. Também para ir “só aqui do lado”.
2. Seja visto e ouvido: luzes, roupa clara e campainha. A campainha avisa; não manda.
3. As duas mãos no guidão. Se alguma coisa distrair você, pare num lugar seguro.
4. A calçada é de quem anda a pé: nela, bicicleta na mão. Antes de atravessar, pare e olhe.

O carimbo SÓ NA HISTÓRIA marca o que acontece na história e não acontece na rua.

ANTES DE SAIR, REVISE SUA BICICLETA

